



por Prof. Vitor Murtinho
Universidade de Coimbra

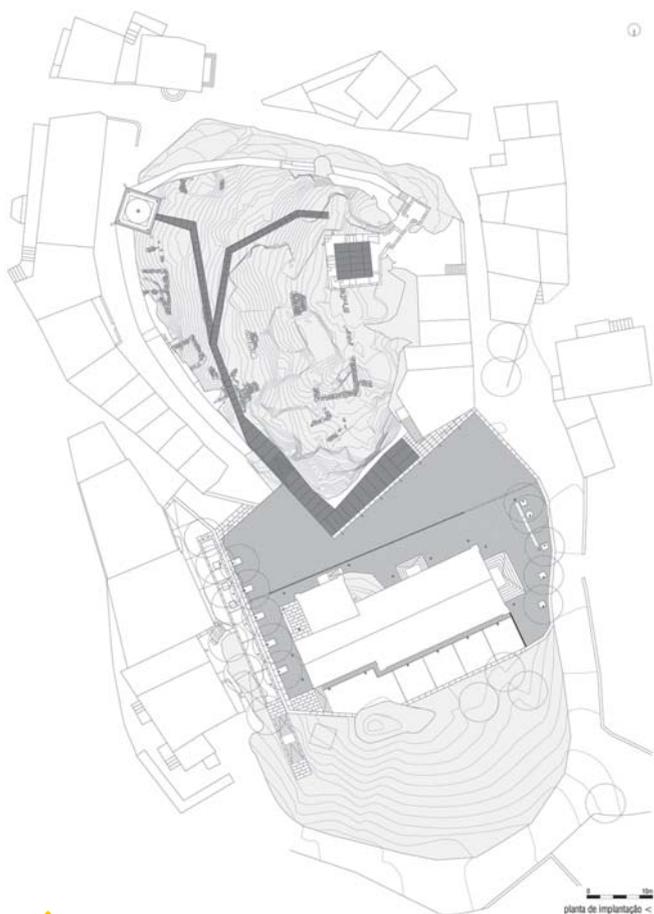
o novo no Castelo de Castelo Novo

“ Antigo e novo, conservação-inovação, memória-projeto, são constantemente os extremos do problema, duas instâncias, não únicas, de “compor” ou de por em diálogo. ”

Nullò Pirazzoli
in *Passato e Postmoderno,*
il Restauro come Metalinguaggio

Provavelmente é a necessidade que pode salvar uma qualquer infraestrutura ou construção, levando à sua preservação. Se não houver função previsível ou expectável para determinada construção, esta ao longo do tempo vai perdendo interesse e valor estratégico, transformando-se, paulatinamente, de edifício em ruína. E este processo, que na maioria dos casos constitui uma desqualificação do construído, pode ter uma velocidade mais ou menos acelerada, consoante o processo de obsolescência seja deixado somente aos efeitos do tempo pela ausência de manutenção ou seja acelerado devido a efeitos de cataclismos ou ainda por cedência deliberada de partes ou componentes dos edifícios para ajudar a consolidar ou a realizar outros empreendimentos que circunstancial e politicamente se tornam mais importantes.

No caso específico do Castelo de Castelo Novo, situado na encosta oriental da Serra da Gardunha, pertencente ao concelho do Fundão, foi talvez o facto de esta infraestrutura não pertencer à primeira linha de defesa raiana que suscitou a sua primeira desvalorização estratégica com o decorrente abandono enquanto estrutura militar. Na realidade, quando Duarte de Armas produziu o seu *Livro das Fortalezas* (1509-1510), dando seguimento à encomenda régia de D. Manuel I e procedendo ao levantamento dos castelos fronteiriços, excluiu Castelo Novo dos seus encargos, apesar de ter estado nas proximidades, como por exemplo Castelo Branco, Monsanto, Penamacor ou Penha Garcia.¹ Esta evidência somente pode ser justificativa da menor serventia enquanto instalação de defesa e a sua gradual substituição utilitária para efeitos civis. Já no início do século XVIII, as referências dão conta do estado de quase ruína desta infraestrutura e, talvez também devido a essa questão, toda a construção sofreu estragos com os efeitos decorrentes do importante terramoto que em 1755



↑
Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão.
Planta de implantação.

¹ Ver Barroca, Mário Jorge, “O Aron de Castelo Mendo, um novo testemunho sefardita na Beira Interior”, in *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, volume 1, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2001, pp. 185 a 190.

fez estragos um pouco por todo o território nacional mas com especial incidência sobre a capital do reino, confirmando-se então aí, em definitivo, o desinteresse estratégico, mesmo local, desta unidade – a que não foi também alheia a extinção do concelho de Castelo Novo em 1835 e, posteriormente, integrado no atual concelho do Fundão, já no início da segunda metade do século XIX. Ainda, mas somente num contexto de consolidação e conservação, haveria a já extinta Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) de efetuar obras, entre os finais da década de 30 e o início da década seguinte do século passado, onde se procedeu à renovação do espaço segundo uma matriz cenográfica, conciliando o princípio de unidade do conjunto com o romantismo do arcaico, mas resistindo à sua eventual classificação como monumento nacional ou imóvel de interesse público.²

Este exemplar de fundação medieval e de arquitetura em estilo gótico e manuelino, cuja origem pode ter estado associada ainda à nossa primeira dinastia, designadamente o dito castelo “novo”, será, hipoteticamente, o resultado da decisão, o mais tardar de D. Dinis – *O Lavrador* – do abandono do anterior castelo. Por sua vez este lugar terá, pelo menos, já testemunhado a presença da Ordem dos Templários durante o reinado de D. Sancho I. Neste último período esta fortaleza pode ter sido, aí sim, seguramente, referenciada como uma infraestrutura defensiva estratégica e onde mais fiavelmente poderia ter ocorrido a alteração da designação nominal. No entanto, perdido para sempre o valor de serviço militar do castelo e após lentamente as muralhas, outrora quase inexpugnáveis graças às características do afloramento rochoso onde estava implantada a fortaleza, terem perdido consistência e incolumidade, deixando transparecer os vestígios e as chagas que só o tempo sabe inexoravelmente imprimir, só encontramos institucionalmente uma valorização consistente aquando da inserção deste sítio, quase transcendente, em local integrado no *Programa Aldeias Históricas*.

Em termos de topografia a fortaleza ocupa estoicamente um cume formado quase exclusivamente por chão de rocha, desenhando ela mesma uma espécie de ilha em forma redonda, mas irregular. Das construções que resistiram à erosão dos tempos, destacam-se a Torre de Menagem, mais a centro, e a Torre Sineira, adossada à muralha na parte leste, certamente ponto marcante e altaneiro para as pessoas que provinham dos solos castelhanos e que complementa a Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora da Graça e situada em local não muito distante, no designado Largo do Adro.

A circunstância do castelo se ter tornado, historicamente, desnecessário, quer primeiro para funções militares quer

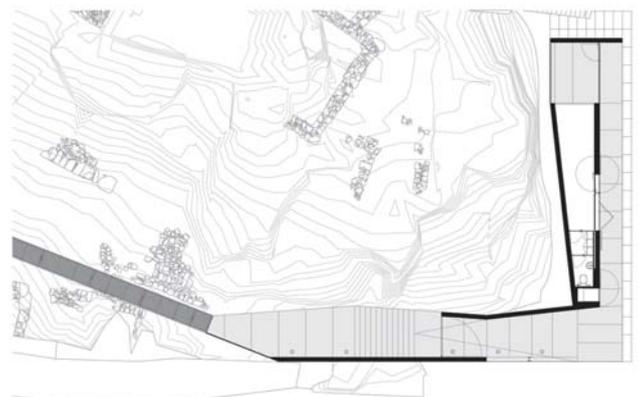


↑
Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão.
Maqueta Virtual da proposta.

posteriormente para funções civis, conduziu de modo paulatino à sua situação de ruína, como aquela como a que chegou ao dealbar do século XXI. Devido ao facto de a fortaleza ter sistematicamente servido como armazém de matéria-prima para construções adjacentes – cedendo pedras – ou o seu interior como depósito de detritos, conduziram a um estado de degradação e abandono, só reversível com a implementação de um adequado programa funcional para o espaço e a imprescindível valorização patrimonial. Um dos maiores desafios colocados, normalmente, aos arquitetos, é saber adequar a sua obra às características dos lugares, principalmente quando esses mesmos sítios são significativos ou evocadores de nostalgias ou memórias, havendo por isso a imposição de estabelecer compromissos, de conciliar discrições, enaltecer alguns silêncios, mas também o imperativo moral de introduzir valor acrescentado.³

A reabilitação socialmente exigida do Castelo de Castelo Novo, promovida em boa hora pela DGEMN, em cooperação com a Câmara Municipal do Fundão,

↓
Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão.
Planta de Equipamento de Entrada.



² Ver Correia, Luís Miguel, *et alii*, “Intervenção no Castelo de Castelo Novo” in *IV Prémio de Arquitectura Ascensores Enor*, Vigo, 2009, p. 279.

³ Ver Gracia, Francisco de, *Construir en lo Construido*, Gracia, Nerea, Donostia-San Sebastián, 3ª edição aumentada, 2001, p. 7.

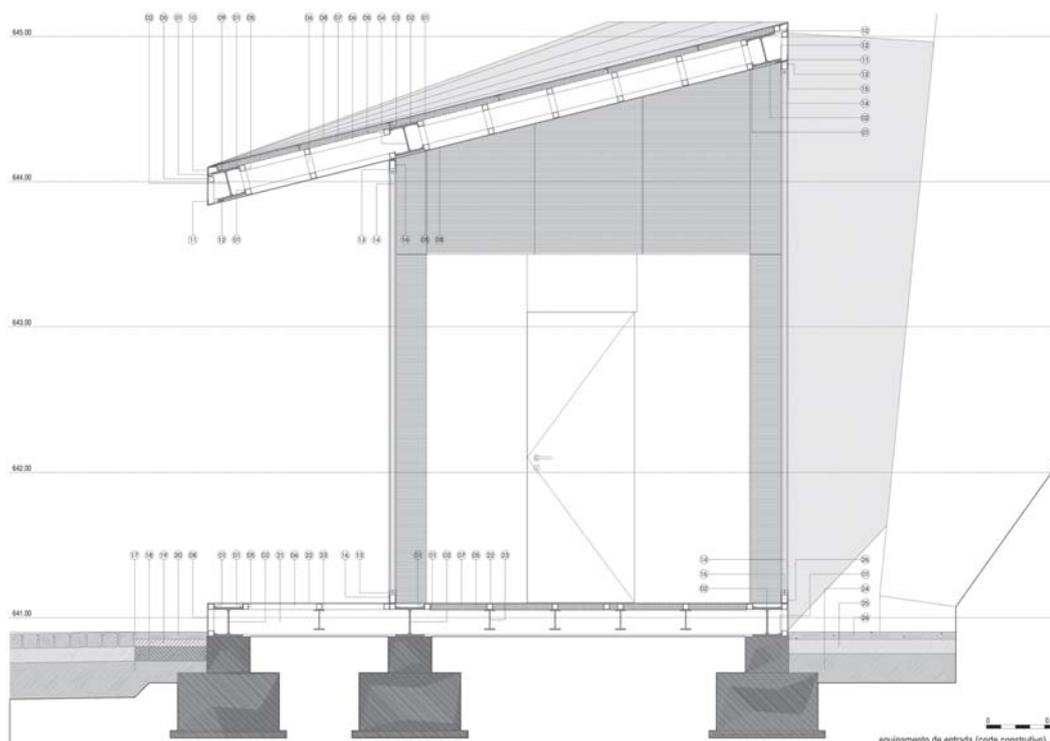
coube à equipa formada por Luís Miguel Correia, Nelson Mota, Vanda Maldonado e Susana Constantino.⁴ Cedo os arquitetos se aperceberam que a fragilidade da definição formal da fortaleza era devida à inexistência de parte do contorno físico na zona da parte do Largo do Adro, constituindo motivo de expugnabilidade e, como tal, fator de fácil acesso e de transponibilidade, provocando alguma indefinição do perímetro e enfraquecendo a imagem mítica associada a este tipo de espaços fortificados. Sendo o Largo do Adro o melhor ponto com amplitude visual e o melhor em termos estratégicos para aceder ao castelo, motivo provável para a fragilização da muralha nesse troço, entenderam os projetistas, e a pretexto de espaço dedicado à receção dos eventuais visitantes, introduzir uma construção em “L” que simultaneamente define com rigor o ponto de entrada no castelo e permite a afirmação indelével do limite contínuo para toda a barreira que delimita o Castelo Novo.⁵ Esta construção de forma robusta e com irregularidade, que se assemelha e funde na couraça da muralha, tal qual uma cunha, penetra em profundidade no interior do espaço do castelo, transformando-se de lugar obstáculo em percurso acessível que se impõe à agrura e irregularidade da formação rochosa que serve de base à construção humana.⁶ Na génese preserva-se o objetivo de salvaguardar criteriosamente os vestígios e toda a morfologia preexistente, acrescentando um caminho que induz em segurança a atravessamentos orientados e que levam, comodamente, os transeuntes aos pontos focais mais importantes: a Torre Sineira e a Torre de Menagem. A construção descrita é desenvolvida preferencialmente em revestimento exterior com

- 4 O projeto no Castelo Novo teve o seu início em meados da década de noventa e foi o resultado da passagem do arquiteto Luís Miguel Correia pela DGENM, tendo sido elaborado uma proposta que não chegou a ser implementada. Mais tarde, já no início deste século, em cooperação entre este último organismo e a CM do Fundão foi decidido o desenvolvimento de um novo projeto, tendo sido agregados à equipa os três arquitetos referidos.
- 5 Acresce dizer que a verdadeira entrada do Castelo Novo se encontrava em terrenos privados, cujo proprietário não cedeu nem autorizou o seu uso, forçando por isso os arquitetos a não considerar essa solução e portanto não pôde ser uma hipótese em termos de formalização da proposta final.
- 6 Ver Slessor, Catherine, “Castelo Novo Visitor Centre”, *The Architectural Review*, June 2010, p. 73.

dominância em aço *corten*, dando ao conjunto um aspeto de dignidade que o processo de oxidação deste material sabe acentuar, atingindo uma coloração castanha que a confunde à distância com as coberturas típicas de telha de barro vermelho e nalgumas reflexões lembra os solos de base granítica que pululam por toda esta esplêndida zona serrana. O edifício/receção que flui discretamente em direção à Praça de Armas do Castelo sob a forma de passadiço enegrecido e transparente induz percurso a pontos eleitos como marcantes, mas porque sítios constrangidos e sem saída, obrigam ao retorno seguro da porta, artificializada, de entrada na fortaleza. Esta *promenade* quase *architecturale* enfatiza e disciplina a orientação para os percursos, já que as variantes a esta oferta se propiciam menos ao passeio mas mais à escalada pelas fragas. Nesse âmbito, os percursos induzidos no Castelo Novo são tendencialmente de



Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão. Corte construtivo de Equipamento de Entrada.



1. Cantoneira 25x25x3 mm
2. Perfil HEB 200
3. Perfil TPN 40x40x5 mm
4. Perfil HEB 120
5. Perfil tubular 40x40x3 mm
6. Perfil tubular 40x40x3 mm [em vista]
7. Isolamento térmico com espessura de 0.04 m em poliestireno extrudido tipo "Wallmate" da DOW
8. Revestimento em chapa de aço *corten* com espessura de 5 mm
9. Cantoneira 40x40x3 mm
10. Chapa quinada de 3 mm com desenvolvimento de 120 mm
11. Chapa quinada de 3 mm com desenvolvimento de 80 mm
12. Perfil tubular 60x40x3 mm chanfrado de acordo com a inclinação do teto
13. Barra chata 90x5 mm com acabamento em esmalte forja de cor preta
14. Vidro duplo temperado transparente 8x14x8 mm
15. Barra chata em aço *corten* 90x5 mm
16. Perfil tubular 60x40x3 mm
17. Camada de tout-venant com espessura média de 0.15 m
18. Camada de betonilha de regularização com espessura média de 0.10 m
19. Camada de betonilha de assentamento com espessura média de 0.05 m
20. Pavimento em lajeado de granito amarelo com 0.05 m de espessura
21. Perfil HEB 200 [em vista]
22. Pavimento em chapa de aço *corten* estampada tipo "Perfometal" modelo D com espessura de 4 mm
23. Perfil IPN 140
24. Camada de tout-venant com espessura média de 0.20 m
25. Camada de pó de pedra com espessura média de 0.10 m
26. Camada de grilha de granito amarelo 4/8 mm com espessura média de 0.05 m

7 Lima, António Belém, "Castelo de Castelo Novo" in *Revista Arquitectura Ibérica*, nº 30, Casal de Cambra, 2009, p. 96.

8 Ver *entrevista a Luis Miguel Correia et alii*, "Intervenção em Castelo Novo", *08.09 Yearbook Arquitectura em Portugal*, Workmedia, Lisboa, 2009, p. 105.

9 Jordão, Pedro, "As exceções e uma banalidade que ainda não chegou" in *Habitar Portugal 2006/2008*, Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2009, p. 97

ida e volta pelo mesmo lugar, já que só favorecem o movimento em vaivém: na Torre Sineira coloca-nos marginalmente sobre o limite da muralha e devolve-nos implacavelmente ao ponto de entrada, na Torre de Menagem, sob o *plateau* artificializado em *aço corten*, suscitam-se sentimentos mistos de vertigem da profundidade de campo e de espraiamento dos olhares, sabendo que o retorno mais prudente é o aconchego do passadiço projetado por oposição à rebeldia da penedia.⁷

Quando sob o chão agora com superfície irregular rochosa, só possível porque (re)descoberto pelos arquitetos, fazendo crer tratar-se de um único agregado natural que desenha toda aquela ilha artificializada por barreira construída por vontade dos homens, conseguimos ainda ouvir, confundido com as brisas que se fazem sentir alternadamente entre montes e vales, as estridentes e lancinantes vibrações que outrora animariam a azáfama dos homens perante uma paisagem circundante tão bucólica. A importância dos sítios faz-se a partir dos vestígios e do legado físico histórico, mas as memórias e as estórias que construímos sobre os lugares constituem sempre elemento que alimenta a argúcia e a curiosidade. Por vezes, o imaginário supera a evidência das coisas e é através da hipérbole na mente que galvanizamos os espíritos para uma realidade outra que supera a evidência do material e nos transporta para o incorpóreo. Do cimo da Torre de Menagem, depois de nos esvairmos em vistas muito iguais àquelas que diferentes gerações foram partilhando, descobrimos um corpo saliente convidando à entrada, atraindo através de escada a imersão nas profundezas da torre principal da fortaleza onde espaço contido com aspeto lúdico está preparado para avivar as memórias, suscitar desejos e convocar os espíritos argutos para os feitos passados, tentando com isso fazer nascer cobiças com futuro. Na torre, a caixa de aço, enferrujado propiciamente pela vontade dos arquitetos de a fazer parecer antiga e conceptualmente sugerir que sempre esteve lá, tal como o pórtico que alberga a entrada secreta em câmara escurecida apresenta aparato multimédia contagiando princípios do pensamento que animam as almas dos homens, desenterrando consciências gloriosas do passado, ambiências comemorativas, oferecendo visualmente informações relativas a factos e magnificências decorridas em circunstância



Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão.

Foto de obra do Equipamento de Entrada. FOTO DE LUÍS MIGUEL CORREIA.



Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão.

Foto de Equipamento de Entrada e inserção na zona das muralhas.

FOTO DE FERNANDO GUERRA.



celebrativa e apoteótica da mais distinta sabedoria. A tecnologia moderna, que combina simultaneamente som e imagem, é a forma mais judiciosa de enaltecer o passado, não se perde na mostra direta do vestígio e do objeto físico, mas apela solenemente ao sentimento, ao estado genuinamente afetivo imediato resultante de uma determinada representação que exalta nos confins da mente a sublimação do acontecimento e do historicismo.

A intervenção em Castelo Novo não constitui uma aplicação direta dos princípios exaltados pelos diferentes documentos que num contexto mais erudito definem modos de agir sobre o património. No entanto, segundo os seus autores, existem influências e similitudes entre a sua obra e a Carta de Veneza, no aspeto em que as alterações à situação existente são diferenciadas das preexistentes e marcadamente contemporâneas. Todavia, esta vontade férrea é contrabalançada com o facto de o desenvolvimento do projeto ter sido norteado por uma grande abstração formal, influenciado pelas descobertas das escavações arqueológicas, afastado regadamente de modelos estereotipados ou de convenções preestabelecidas.⁸ *Com apuro formal e elegância inexecedível*⁹, desenvolveu-se um trabalho com uma base metodológica distinta que, constituindo-se

¹⁰ Ver Comoco Architectos, "Castelo Novo's Castle" in *dile Architectural Landscape*, C3 Publisher, 2011, p. 76



Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão.

Foto frontal de Equipamento de Entrada. FOTO DE FERNANDO GUERRA.

como obra exemplar, será certamente um projeto a ter em consideração em futuras ações de reabilitação no contexto do nosso edificado mais relevante.

Resistindo imperturbavelmente a manusear a matéria formada pelos inúmeros agregados naturais enquanto componentes essenciais da crosta terrestre, os arquitetos souberam criar novas geometrias e utilizar outras substâncias que, não disputando a beleza da paisagem, deixaram lastro atual sobre obra antiga, sem em nenhum momento condicionar futuros usos ou impedir situações, desejáveis, de reversibilidade. Ao caminho mais fácil do mimetismo, à repetição de estilo, propôs-se antes a rutura histórica com a herança do construído, dando continuidade a uma narrativa que em cada momento, em cada intervenção deve deixar lastro de época.¹⁰ Na intervenção, o novo é marcadamente novo, introduz materialidades que antes não existiam, que permitem inequivocamente o contraste com a matéria local, não tendo por incumbência modificar o sítio ou introduzir-lhe novas variações, mas antes somente transformar o espaço na medida em que reorganiza e, nesse sentido, não se limitando a prolongar um legado do passado, denota estima sobre esse mesmo passado e, ao mesmo tempo, introduz mérito na ação conservativa e *distinção* e esbelteza na ação modificadora.

A impressão global da intervenção no Castelo de Castelo Novo é que tudo foi feito na justa medida. Como preexistência tinha-se um amontoado de destroços num local mais cheio de memórias do que de valores. No final valorizou-se o sítio deixando espaço para ampliar as memórias. Aqui tudo foi feito de modo tão ténue como quanto havia de ser, mas sobretudo obedecendo a critérios sustentados de valorização do existente pela afirmação do que é novo. De uma infraestrutura *desnecessária*, profundamente chagada pelo tempo e pelos nem sempre autorizados empréstimos materiais, criou-se um espaço rememorativo que de modo conspícuo retira dos confins do passado o orgulho de ter história, de ser ruína mas, simultaneamente, de adquirir utilidade. Bem no topo de uma colina, num espaço pleno de ruralidade, foi erigida uma peça notável de arquitetura que exprime as tendências mais contemporâneas, que é afirmativa da mais genuína modernidade. Apreendendo, sapiencialmente, o espírito do lugar enquanto cadinho inspirativo para as formas e o novo edificado, juntou-se ao espaço edilício a sumptuosidade discreta de objeto áureo pelo seu valor estético que não supera a eloquência do património existente, mas antes o completa.



Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão.

Foto de passadiço e entrada na fortaleza; Foto de Torre de Menagem

FOTO DE FERNANDO GUERRA.



Intervenção no Castelo de Castelo Novo, Fundão.

Foto de escadaria de acesso à fortaleza

FOTO DE FERNANDO GUERRA.

